

Dobras, desdobras, lacunas: o despertar da escrita

Sonhar, despertar, agir. Seria esse o caminho transviado da adolescência?

Em Freud, encontramos outra tríade, quando nos deparamos com a repetição como um dos fundamentos do inconsciente: lembrar, repetir, trabalhar através.

Mas, na adolescência, a repetição como fundamento do inconsciente não satisfaz em seus efeitos. Repetir os sonhos da infância? Não dá mais. Repetir as identificações às figuras parentais? De modo algum, muito mais justa e inovadora é a ruptura. Ruptura com valores, com ideais. Ruptura com uma imagem infantil do corpo, que se transmuda de forma inesperada. Por isso, a repetição na adolescência se confunde com o agir, como se a posta em ato respondesse a uma compulsão – na expressão de Freud, *Wiederholungszwang* –, na medida em que algo que não foi registrado pede (*wieder-holen* = re-pete), agora, uma genuína e justa inscrição.

Tempo de descoberta, do despertar do real do sexo e da constatação das falhas de saber no campo do Outro: é isso a adolescência. Um único caminho parece claro, mas não simples: o que resta é trabalhar através (*Durcharbeitung*), percor-

rendo os campos nos quais fulgura esse despertar e nos quais se escancara essa falha na instância do saber. Esse é o trabalho que acompanhamos aqui nos *desdobramentos* de Thereza Bruzzi.

Literatura, poesia, cinema, reflexões teóricas. Trabalho incessante, que não fecha questões, deixando ao leitor psicanalista (e a outros também) a via da invenção que se desdobra. É preciso que cada um se permita certo afastamento da teoria, certa travessia pela cultura da escrita para abordar a adolescência em seus enigmas e mistérios. Não podemos esquecer que o tema da adolescência surgiu de uma necessidade da cultura.

Colocamos de início: sonhar, despertar, agir. Se começamos pelo sonhar, não há como omitir o dito de Freud, em algum lugar de *A interpretação dos sonhos*: “*Un rêve c’est un réveil qui commence*”. “Um sonho é um despertar que começa”.

Mas Virginia Woolf aponta, do sonho, um perigo: “*La vie est un rêve, c’est le réveil qui nous tue*”. “A vida é um sonho, é o despertar que nos mata”. Tomar a vida como um sonho ameaça o despertar com a morte. Do sonhar é preciso despertar e levar a sério o que o sonho manifesta em nós, como via régia de acesso ao inconsciente, o que traduz pulsão de vida.

O mínimo para viver, esse é o título de um dos filmes que Thereza aborda para situar que não é o montante de teorias que se ampliam sobre a adolescência, e, sim, um pequeno detalhe, um “mínimo” vestígio de vida, que pode trazer o despertar do desejo, possibilitando ao sujeito continuar sua trajetória vivente. A anoréxica Ellen encontra na mudança de seu nome – para Elie –, reduzindo letras, soando como mentira

(*E-lie*), uma aposta num corpo que pode se reconhecer e que não tampona mais como um cadáver a falta do Outro.

Fazer a passagem por essas perdas que trazem as transformações da puberdade: Freud descreve como a travessia de um túnel que se entrecruza pelos dois lados da pulsão – desde o início da sexualidade infantil, temos a *corrente sensual*, organizada em zonas erógenas e objetos parciais, promovendo a circulação do prazer, e a *corrente de ternura*, que nasce em resposta ao amor narcísico dos pais, envolvendo pessoas como objetos sexuais, fonte contínua de excitação e satisfação. A convergência dessas tendências produz a concentração do desejo em um único objeto, agora marcado pela divisão, o que culmina no novo encontro com o real do sexo, despertando o adolescente.

Tal encontro é descrito de forma crua e, ao mesmo tempo, bela pelos vários autores desses contos, filmes e poesias abordados por Thereza em sua obra, apontando arrebatamentos e desamparos, desdobrados na escrita, que dá, então, nova forma refletida e apreciada às nuances desse despertar.

Em *Adolescência: desdobramentos*, Thereza Bruzzi nos convida a trilhar essas passagens entre sonhos e enigmas, deixando em aberto a leitura de cada um na convivência surpreendente com os desfechos das rupturas. Com isso, é possível que surja, para o leitor, uma escrita, não necessariamente de um conto ou da amplitude de uma reflexão, mas a cunhagem de uma nova letra, uma escrita pessoal, nas reminiscências de cada um em torno da própria adolescência.

Ana Maria Portugal